

## O Homem – Rotinas, certezas e perplexidades

“A doença torna a saúde agradável e boa, como a fome a saciedade, e o trabalho, o descanso.”

“Não saberiam o nome da justiça, se não fora a injustiça.”

**Heraclito**

Chamava-se Elisa. Passava, como todos os dias, pelo parque perto de casa. Quase nem desviava o olhar do passeio. Ouvia música para se abstrair das pessoas à sua volta. Nem reparava nelas, muitas vezes. Era como se elas não existissem... ou melhor, era como se a sua presença não tivesse valor por não interferirem na sua vida. Na realidade, não interferiam directamente... mas estavam lá. Estavam sempre lá. Sempre as mesmas. Mas Elisa não reparava.

Chegava a casa, abstraída, acomodada na sua rotina, na normalidade e na previsibilidade do seu mundo. A presença dos pais, da irmã, nada mais era do que o habitual; as caras familiares eram tão presentes que quase passavam despercebidas, pelo menos nos momentos que se repetiam diariamente. Não era como se a família fosse insignificante como as pessoas desconhecidas por quem passava na rua. Não! Elisa sabia da sua importância, reconhecia-a... mas, de certa forma, esse valor e a sua presença eram assumidas como uma realidade certa. Mas seriam mesmo?

Um dia acordou e, como normalmente, seguiu a sua rotina. Desceu as escadas, dirigiu-se à cozinha para tomar o pequeno-almoço, como era costume. Algo parecia estar diferente... Por um lado, tudo parecia igual, mas, ao mesmo tempo, faltava alguma coisa. O ambiente estava mais vazio, mais silencioso. Então, apercebeu-se. Ainda não tinha visto os pais nem a pequena irmã. Procurou-os. Mas não encontrou ninguém em casa. Onde estariam? Talvez tivessem ido dar um passeio. Iria à sua procura.

Saiu para a rua. Esta parecia também diferente. Um pouco mais deserta, menos movimentada. Não encontrava na rua todas as pessoas que habitualmente lá estavam. É verdade que, anteriormente, ela quase nem reparava nessas mesmas pessoas; mas, ainda assim, apercebia-se inconscientemente da sua presença. Só agora que as procurava atentamente, em busca de uma resposta, verificava que elas não eram assim tão insignificantes no seu mundo. Faziam parte do ambiente que a rodeava, faziam parte da sua vida. Elas estavam sempre lá, e ainda que não notasse a sua existência, agora, a sua falta revelava-se angustiante, de forma inesperada. O seu desaparecimento eliminava a segurança de Elisa, a confiança e tranquilidade que a rotina lhe proporcionava.

Nem sempre nos apercebemos do que temos e do que nos rodeia. Nem sempre damos valor aos vários aspectos que marcam a nossa vivência, quer eles sejam fundamentais ou aparentemente pouco significativos. Embora possamos até reconhecer, teoricamente, a sua existência ou importância, na prática, só os valoramos realmente quando nos deparamos com uma situação adversa, isto é, a sua falta. É como se só conhecêssemos e apreciássemos verdadeiramente aquilo que temos quando deixamos de o ter, porque só nessa situação o que temos por garantido é contrariado e, assim, nos apercebemos do quanto influenciava a nossa vida.